

## A FILOSOFIA E O CINEMA CATÁSTROFE: “O DIA DEPOIS DE AMANHÃ” E A RELAÇÃO HOMEM X NATUREZA

Laécio de Almeida Gomes<sup>1</sup>

**Resumo:** É possível estabelecer uma relação didática entre filosofia e cinema para ilustrar, esclarecer ou levantar instigantes discussões em torno dos conceitos e das ideias filosóficas. Ainda que a linguagem cinematográfica seja diferente da filosófica, os diversos gêneros do cinema podem apresentar distintas formas da realidade humana de modo crítico e conciso. Esse seria o caso do cinema catástrofe, no qual são evidenciadas questões fundamentais, como a relação entre homem e natureza, mostrada, por exemplo, no filme “The Day After Tomorrow” (2004), de Roland Emmerich, discutido neste artigo, à luz de algumas ideias do filósofo inglês Francis Bacon.

**Palavras-Chave:** Filosofia, Cinema, Catástrofe.

**Abstract:** It is possible to establish a relationship between teaching philosophy and film in order to illustrate, clarify or raise instigating discussions around philosophical concepts and ideas. Although the film and philosophical languages are different, the various genres of movies may have different forms to present the human reality in so critical and concise ways. That would be the case of disaster movies, which highlight the relationship between man and nature as shown by example in the movie "The Day After Tomorrow" (2004), of Roland Emmerich. Here we briefly discuss that movie from the perspective of some ideas of English philosopher Francis Bacon.

**Keywords:** Philosophy, Movies, Disaster.

Pode-se afirmar que os filmes são formas eficazes de comunicação que contemplam, exprimem e tratam de aspectos da realidade sob as mais diversas óticas. São, na maioria das vezes, meios impactantes de expor recortes do mundo, seja de maneira lúdica, fictícia ou mesmo surreal, através dos quais inúmeras informações podem ser interpretadas e discutidas por todos que prestigiam a sétima arte.

O cinema manifesta opiniões e pontos de vista por meio da linguagem visual, que é mais ágil, por exemplo, que a leitura de um texto. Utilizam-se conceitos ilustrados com uma série de abordagens distintas daquelas apresentadas pelo texto, o que não impede a formalidade na linguagem visual que alguns cineastas utilizam; como é o caso de Stanley Kubrick no filme “2001 - Uma odisséia no espaço”, em que alguns personagens são macacos, a temática é bem metafísica e as imagens possuem um nível de especulação que exige do espectador muita atenção.

Isto retrata a seriedade de alguns conceitos cinematográficos que podem, inclusive,

---

<sup>1</sup> Graduado em Filosofia (UFPI), Ex-petiano do Grupo PET Filosofia (UFPI).

ser considerados como fontes de reflexões filosóficas. Eles podem discutir problemas filosóficos, morais, metafísicos, epistemológicos, etc. estimulando o debate e a postura crítica, em torno das mais diversas questões humanas.

A relação didática existente entre o cinema e a filosofia precisa ser cada vez mais elucidada a fim de permitir novas abordagens da própria investigação filosófica. Longe de querer que a filosofia seja tratada de modo menos sério (ou mesmo banalizada), o que se defende é que o cinema pode enriquecer o trabalho filosófico por estabelecer alternativas de leitura da realidade, a partir de sua linguagem própria. A estrutura dos conceitos cinematográficos, por meio de um apelo lúdico ou realista que lhe é característico, pode muito contribuir para a discussão e o debate filosóficos sobre os mais diversos aspectos da realidade humana.

Por tais razões é que este texto busca mostrar que o cinema e a filosofia podem estabelecer uma conexão conceitual e crítica da vida, ao mesmo tempo coerente, evitando, porém, a redução do conhecimento ao mero entretenimento. O seu foco será um gênero específico do cinema que nem sempre é visto com bons olhos, visando apontar algumas ideias ou teorias filosóficas que podem ser encontradas nestes tipos de películas.

## 1. O CINEMA CATÁSTROFE

Um tipo bastante comum dos filmes norte-americanos (ou da indústria cinematográfica norte-americana) pode ser identificado àqueles que apresentam circunstâncias trágicas e até mesmo de horror, conhecido como “*cinema catástrofe*”. Tais filmes destinam-se a estimular o imaginário humano e a levantar suposições de como seria a vida numa situação de perigo extremo. Esse tipo específico de cinema aborda esse tema, muitas vezes, com o objetivo de despertar uma reflexão sobre as relações humanas com o meio ambiente.

O gênero “catástrofe” nem sempre é visto com bons olhos pelo fato de ter uma finalidade mais comercial e ser considerado apelativo. Pois, segundo alguns críticos de cinema, seu objetivo maior é o entretenimento, por meio da criação de imagens fantásticas e pouco prováveis no mundo real, abusando dos efeitos especiais, que se tornam o seu grande atrativo. Por isso, são filmes de alto custo para indústria do cinema, o que explica também a constante preocupação de seus produtores com as respectivas bilheterias. Mas isso não impede que os “conceitos-imagens” deste gênero sejam dignos de sérias elucidaciones filosóficas, como aponta Cabrera (2006).

Em grande parte desses filmes, pode-se analisar, principalmente, a relação Homem x Natureza. Ou seja, é possível avaliar como o ser humano estabelece ligações com o meio ambiente em que está inserido, bem como a utilização que ele faz de técnicas para a apropriação e domínio dos bens naturais. É importante observar que, nesse aspecto, o homem desenvolve a ciência e os diversos meios para lhe permitir alterar e adaptar a natureza conforme suas necessidades. Mas, no cinema catástrofe, a natureza é o personagem principal enquanto o homem é o coadjuvante, ou melhor, o meio ambiente não é mostrado apenas como um elemento passivo da ação humana e sim como o elemento que reestrutura essa relação conforme sua capacidade.

A natureza impõe limites à ação do homem mostrando que, por mais que a racionalidade interfira no mundo, ele ainda não é capaz de dominá-la completamente. É comum ver um filme em que animais não racionais agem por instinto atacando pessoas que tentaram invadir seu espaço, ou até seres da natureza com mutações genéticas que se revoltam e fogem do controle daqueles que os criaram. “Jurassic Park” (“Parque dos dinossauros”) de Steven Spielberg é um claro exemplo de que o homem não deveria interferir no curso da natureza, trazendo de volta seres que ela própria extinguiu há milhares de anos. Entre outros problemas que emergem da relação Homem x Natureza, existem os transtornos provocados pelo mau uso dos elementos água, ar, fogo e terra que provocam grandes devastações e transtornos à espécie humana.

Os filmes com esta temática trazem à lembrança pensadores como Tales de Mileto, Anaximandro e Heráclito (filósofos da “*physis*” ou físicos) que indagavam sobre o elemento primário da formação do mundo que constituía o princípio da vida no planeta. Acreditavam que os elementos água, ar e fogo continham as respostas sobre a origem de todas as coisas. Por isso, tais eram os objetos de suas teorias.

Filmes como “*Twister*” (1996) ou “*O Inferno de Dante*” (1997) mostram o quanto o ser humano está disposto a buscar por conhecimento ainda que expondo sua frágil condição a grandes desastres ecológicos. A razão humana, por mais importante que seja, em especial, para a própria sobrevivência, não é capaz de conter um tornado ou um vulcão em erupção (que destroem tudo à sua frente). Os efeitos especiais destes filmes são um atrativo à parte, levam o público a acreditar que de fato há uma catástrofe que exige dele soluções imediatas, deixando-o numa situação extrema de angústia ao desafiar sua coragem em relação a eventos que são, realmente, incontroláveis.

Os conflitos humanos são densos quando se trata da luta pela sobrevivência. Situações que, no cotidiano, sequer são pensadas, podem servir de matéria prima para a

criação de um filme que conteste a eficácia das ciências e das habilidades humanas diante da soberania da natureza e do uso questionável que se faz dela. Quando uma imagem denuncia a fragilidade da vida humana, diante do caos provocado por catástrofes ambientais, é porque este assunto merece ser discutido e pensado.

## 2. “THE DAY AFTER TOMORROW” (2004)

### Breve sinopse

O filme “The Day After Tomorrow” (“O dia depois de amanhã”), de Roland Emmerich, ilustra bem os problemas ecológicos contemporâneos e a revolta da natureza com relação aos avanços tecnológicos e o mau uso que o homem tem feito dela. Ele deixa o telespectador numa situação total de desconforto, quando expõe desastres naturais como conseqüências da própria atividade humana, num nível em que a humanidade é incapaz de conter.

Este filme narra a ocorrência de uma nova era glacial, ao mesmo tempo em que o planeta Terra sofre com o aquecimento global (consequência do excesso de gases poluentes na atmosfera entre outros fatores), levando ao derretimento das calotas polares e principalmente aos transtornos climáticos nos oceanos. Tudo isso é estudado pelo professor e pesquisador Jack Hall (Dennis Quaid), um meteorologista dedicado que prevê a catástrofe e logo decide anunciar o perigo que ameaça, principalmente, os países do hemisfério norte, pedindo a intervenção das autoridades.

O alerta feito nos Estados Unidos da América não teve muito êxito e a previsão anunciada pelo professor Hall foi ignorada. Mas, ao contrário do que todos esperavam, os desastres começam a surgir mais rápido do que o previsto. Correntes marítimas do hemisfério norte (frias) entram em choque com as correntes marítimas do hemisfério sul (quentes) causando um desequilíbrio climático de proporções inimagináveis.

Tempestades começam a se formar, tornados surgem em diversos países na costa do Atlântico e do Pacífico, ondas gigantescas destroem completamente as cidades litorâneas e o pânico se instaura por todo o planeta.

As pessoas não sabem mais como agir racionalmente e tentam, da melhor forma possível, salvar suas vidas. Buscam principalmente suprimentos, abrigo seguro e o calor do fogo para se manterem vivas. A Biblioteca de Nova Iorque acolhe centenas de pessoas incrédulas do que estava acontecendo e é onde Sean (Jake Gyllenhaal), filho do professor Hall, se refugia com um grupo de colegas por estarem apenas de visita nesta cidade na hora

dos desastres. Um grupo de pessoas decide se aventurar e sair depois que a cidade já estava praticamente congelada, outros decidem se aquecer queimando os livros da biblioteca para manter o ambiente aquecido.

Inevitavelmente, há muitas mortes devido ao frio intenso e à perda de comunicação com muitas localidades em toda a extensão do país (E. U. A). As relações humanas passam a ser bastante conflituosas e o objetivo de todos passa a ser apenas um: a sobrevivência. Neste momento, percebe-se o quanto a natureza é imponente em relação à ciência e aos meios de apropriação humana da mesma.

O professor Hall dedica-se a buscar o filho exilado em Nova Iorque por causa do gelo e enfrenta muitos obstáculos – como a morte de um amigo – em sua jornada. Contudo, pai e filho se reencontram depois de inúmeros transtornos provocados pela catástrofe.

Um dos pontos culminantes do filme é a reorganização humana (os conflitos e dramas) com base nas mudanças ambientais, principalmente quando norte-americanos passam a migrar para o México e outros países da América Latina.

### **Comentário:**

“O Dia Depois de Amanhã” é, de fato, um típico filme que visa promover reflexões de caráter político e científico com base na ficção, cujos efeitos especiais (incríveis) causam fortes sensações no público. Trata de problemas contemporâneos como o aquecimento global e questiona o modo como a vida humana se relaciona com a natureza, seja de forma positiva ou negativa, a partir de conceitos-imagem que, segundo Cabrera

“procuram produzir em alguém (um alguém sempre muito indefinido) um impacto emocional que, ao mesmo tempo, diga algo a respeito do mundo, do ser humano, da natureza e etc. E que tem um valor cognitivo, persuasivo e argumentativo através de seu componente emocional.” (Cabrera, 2006, 22).

É neste sentido que podemos tratar o cinema como um recurso didático-visual para a abordagem filosófica, como forma de atentar para alguns conceitos e meios de observação – e discussão – sobre o mundo. O gênero catástrofe possui seus dramas e *clichês*, mas também é uma forma de elucidar e até mesmo questionar a maneira pela qual a tecnologia e o conhecimento humano podem intervir na estrutura natural da vida, se seria correto alterar o curso da natureza com experimentos cujas conseqüências ainda são desconhecidas e por que buscar um modo sustentável de existência sem degradar o meio

ambiente.

De fato, o filme “O Dia Depois de Amanhã” mostra que a natureza tem seu modo de se defender da ação descontrolada do homem e as consequências decorrentes desta ação são, no mínimo, assustadoras.

### 3. O CONHECIMENTO HUMANO SOBRE A NATUREZA: FRANCIS BACON

Bacon, filósofo inglês nascido em 1561, formou-se em direito aos 21 anos, dedicou-se ao trabalho intelectual durante a maior parte da sua vida, deixando como obras principais: *Ensaios* (1597), *Novum Organum* (1620) e *Nova Atlântida* (1627). Faleceu no ano de 1626. Seus estudos tratam da aquisição do conhecimento, do desenvolvimento da ciência e do modo como o homem deve se aproximar da natureza para melhor intervir nela.

Pode-se dizer que Francis Bacon foi um filósofo-cientista da natureza, ou seja, investigava um progresso do conhecimento por um método de *observação* dos fenômenos. Segundo ele, seria possível uma apropriação adequada dos elementos naturais, desde que estes fossem objetos da investigação humana e pudessem ajudar nos avanços científicos e tecnológicos. A aproximação no sentido de pesquisa, observação e adequação da ação humana com o meio ambiente é imprescindível para que haja avanços no conhecimento, na visão de Bacon.

No filme “O dia depois de amanhã”, por exemplo, o professor Hall (Dennis Quaid) está ciente dos acontecimentos climáticos pelo fato de ter vivenciado o rompimento de uma calota polar de uma extensão impressionante (mostrado logo nos primeiros minutos do filme) e, a partir daí, ter pesquisado tal evento a fundo, com base em sua observação. Ou seja, o conhecimento do professor sobre as catástrofes se dá pela própria aproximação dele com o fenômeno em questão.

A ciência e a tecnologia de que dispõem os pesquisadores apresentados no filme são de suma importância para a previsão dos acontecimentos sucedidos. Mas a imponência da natureza supera em muito a inteligência dos homens, principalmente daqueles que desprezam as informações dadas pelo professor Hall: os líderes políticos do filme, que representam o descaso com a natureza e a preocupação apenas com as relações de poder entre os homens.

O conhecimento, para Bacon, provém da observação dos fenômenos naturais com base na indução, em que a verdade resulta da concordância e da variação de tais fenômenos,

sendo possível, desta forma, estabelecer leis gerais com base em experimentos. A indução revela parte limitada dos fatos, de tal modo que o que se descobre como válido para esses fatos é estendido para os similares. O mérito de Bacon foi estabelecer uma via empírica, isto é, experimental para conhecer as qualidades naturais, elaborar, de forma racional, uma metodologia científica embasada na observação e, assim, permitir uma relação cada vez mais íntima entre o homem e a natureza, como ilustram os personagens do centro de meteorologia do filme.

São diversas as maneiras que a humanidade possui, hoje, de modificar e até mesmo transformar o meio ambiente. A ciência atingiu níveis mais elaborados de interferir na natureza, mas, isso não significa que ela não seja mais um grande enigma que, talvez, nunca seja completamente decifrado pelo homem, pois, como Bacon nos diz

“A natureza supera em muito, em complexidade, os sentidos e o intelecto. Todas aquelas belas meditações e especulações humanas, todas as controvérsias são coisas malsãs. E ninguém disso se apercebe” (Bacon, 1999, 34).

Por isso, pode-se dizer que o gênero catástrofe do cinema – em especial o filme “O Dia Depois de Amanhã” - é uma ilustração geral das ideias expostas por Bacon em seus tratados sobre o conhecimento e a investigação dos fenômenos naturais. É possível avançar com o conhecimento empírico sobre o mundo, seus elementos e os fenômenos naturais e existem meios de alterar o meio ambiente pelos mais variados propósitos. Os problemas surgem quando a vaidade ultrapassa a necessidade, ou seja, quando os avanços científicos e tecnológicos perdem a finalidade de proporcionar qualidade para a existência humana e passam a danificar a estrutura natural do planeta.

Alguns dos conceitos-imagem que o filme retrata são simbolizados na queima de livros na biblioteca pública de Nova Iorque, revelando que todo o conhecimento adquirido pela humanidade, numa situação de desespero, serve apenas como combustível para manter o fogo (e naturalmente o calor) que aquece algumas pessoas na luta pela sobrevivência diante da nova era glacial. A fuga dos lobos e a migração dos pássaros acentuam o quanto estes animais estão ligados à natureza por seus instintos. Rodovias, aviões, carros modernos, edifícios, monumentos, etc. mostram o quanto o homem é capaz de alterar o espaço físico e evoluir tecnicamente a ponto de esquecer sua ligação com a natureza e o meio ambiente, que ele polui e degenera.

Os problemas ecológicos resultantes da ação humana, de forma geral, são mostrados como a reação do planeta e como prova de que, por mais que sejamos capazes de conhecer os inúmeros fenômenos naturais, como se configuram ou se comportam (por

exemplo, os terremotos, os furacões, as tempestades, etc.) ainda assim, não possuímos o completo controle sobre eles. O que já tinha sido objeto das teorias de Bacon, ainda nos séculos XVI e XVII, é mostrado e discutido sob a forma de “conceitos-imagem” sob um ângulo filosófico no filme aqui comentado.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cinema pode ser considerado um veículo de inúmeras possibilidades para realizar a atividade ou exercício filosófico, bem como para a elucidação de conceitos filosóficos, graças a seus recursos específicos tais como imagem, movimento e linguagem. Sua riqueza reside em sua capacidade de tornar possível outras realidades (formas possíveis de enxergar o mundo), de levantar dúvidas, tematizar a verdade, a realidade, o sofrimento, o tédio, a violência, a morte, a justiça, a felicidade, etc., abrangendo os mais variados aspectos da vida humana. A filosofia trata desses aspectos de forma argumentativa, por meio de conceitos, teorias e textos; diferentemente do cinema, que possui uma linguagem mais ágil e, por assim dizer, mais “dinâmica”.

Os filmes podem servir como objeto de ensino e aprendizagem de alguns conceitos e temas filosóficos, de modo ilustrativo e, por meio de imagens, podem contrapor ou reforçar ideias sobre o mundo, a realidade, a vida e a condição humana. As películas possuem uma dimensão cognitiva e expressam uma visão do mundo sem, necessariamente, se aterem às limitações deste mundo, pois não têm a obrigação de descrever a realidade como ela é. E, por ter um caráter multidimensional, o cinema pode ser utilizado como recurso didático na exposição visual de alguns conceitos, exposição das ideias de alguns teóricos, problematização das mais distintas características humanas como as questões morais, passionais, as relações interpessoais, etc.

O conteúdo de um filme pode apresentar conceitos e ideias que possibilitem a discussão de temas filosóficos e concepções propostas por grandes pensadores. É possível problematizar um filme e interpretá-lo de diversas formas ou apenas utilizá-lo como meio ilustrativo de uma determinada realidade, como é o caso do cinema catástrofe discutido acima.

Não é o modo como o filme “The Day After Tomorrow” (2004) coloca a relação homem e natureza que o torna único, pois outros filmes já fizeram isso. Mas sim, o fato de tornar possível um esclarecimento sobre o que Francis Bacon - um importante teórico da filosofia -, havia dito séculos atrás, mas que ainda hoje tem relevância; é o que faz deste

filme um conceito-imagem que pode ser trabalhado de uma forma didática sob um atento olhar filosófico.

### Referências

BACON, Francis. **Aforismos Sobre a Interpretação da Natureza e o Reino do Homem**. Nova Cultural: São Paulo, 1999. pp. 33-50. (Coleção os Pensadores)

CABRERA, Júlio. **O Cinema Pensa**. Tradução de Ryta Vinagre. Rocco: Rio de Janeiro, 2006, pp. 112-139.

**Dia Depois de Amanhã, O** (The Day After Tomorrow, 2004), 124 min. EUA. Roland Emmerich. 20<sup>th</sup> Century Fox.

**Inferno de Dante, O** (Dante's Peak, 1997), 108 min. EUA. Roger Donaldson. Universal Pictures.

**Twister** (Twister, 1996), 116 min. EUA. Jan de Bont. Warner Bros.